

SÁBADO, 27 DE DEZEMBRO DE 1924

O reconhecimento do governo dos Sóvietes

Toda a gente sabe que não é pelos lindos olhos dos comissários do Povo, que vários países, com governos genuinamente burgueses, têm reconhecido de jure a actual situação política da Rússia. Tem-no feito porque reconhecem ter nissos vantagens materiais, que suplantam o desgosto que lhes causa terem de aceitar como um facto a estabilização dum governo socialista.

Ora Portugal é também dos países que têm vantagens de ordem económica em reconhecer o governo dos sóvietes, e em entrar em relações com a Rússia. Precisamente neste momento, em que a crise de trabalho vai assumindo um aspecto grave, não há o direito de desperdiçar o mais pequeno elemento que possa contribuir para a minorar.

Não compreendemos o motivo porque o actual governo ainda não tratou deste assunto.

Já quando o dr. Domingos Pereira geriu a pasta dos negócios estrangeiros, referindo-se a este assunto, manifestou a boa disposição em que o governo estava de reconhecer o actual regime político da Rússia, esperando apenas pela oportunidade. Ora, neste momento, o governo russo está reconhecido pela Inglaterra pela França, os dois países cuja reserva perante os Sóvietes podiam deter o gesto do governo português, para que não fosse mal interpretado e tomado como uma extemporânea iniciativa comprometedora da política internacional dos aliados. Nenhuma razão de ordem diplomática há agora que possa impossibilitar esse acto, perfeitamente lógico e que está em harmonia com os interesses da população.

Sob o ponto de vista mesmo das ideias que os Sóvietes representam, o reconhecimento do governo russo não implica qualquer espécie de adesão ao seu programa. E a prova é que até o Mussolini e o governo conservador inglês reconheceram esse governo, e o próprio papa com ele fez manifto relações diplomáticas.

Que razão há, pois, para que o actual governo não procure reconduzir à sua normalidade as antigas relações com a Rússia que, sob o ponto de vista económico, são muito importantes?

ALARES, CEGONHAS E COBEIRA

O governador civil de Castelo Branco desmente as alegações da imprensa

Razão tinhamos em defender os povos de Alares, Cobeira e Cegonhas das notícias falsas que, a um tempo, parecendo combinados, os jornais ultimamente publicaram acerca duns fantásticos morticínios praticados em gados do povo do Rosmaninhã. Tinha razão, porque estivermos no local dos acontecimentos e sabíamos que, ao contrário, era o obsecado povo do Rosmaninhã quem costumava invadir as terras da gente pacífica que habita nos trés montes, estragando sementes, metendo os rebanhos no meio das serras a fim de que o gado as ceifasse e assassinando, como aconteceu em Setembro d'este ano, centenas de animais.

A notícia que apareceu ultimamente nos jornais era a repetição da bárbara cena de Setembro em que figuraram como heróis os fanáticos do Rosmaninhã que massacram trezentas cabeças de gado, chegando a esfoliar os animais ainda vivos. Simplesmente, por falta de imaginação, os correspondentes dos jornais, talvez subornados pelos ricaços do Rosmaninhã que estão dispostos a comprar toda a gente, não souberam inventar cenáculos e limitaram-se, por isso, a repetir os factos, atribuindo a parte odiosa às vítimas.

Confirmo plenamente o que temos dito publicamos a seguinte nota oficial do governo civil de Castelo Branco:

«Pelas averiguações oficiais a que se manteve proceder por este governo civil carecem de fundamento os morticínios que afirmam os jornais nos últimos dias noticiaram ter sido praticados pelo povo das Cegonhas nos gados de António Goulão do Rosmaninhã.

Morticínios e roubos de gados e incêndios têm sido feitos pelos habitantes do Rosmaninhã aos povos de Alares, Cegonhas e Cobeira.

Está-se procedendo a um rigoroso inquérito ordenado pelo governador civil desse distrito.»

Os comunistas e o seu partido

António Luís Júnior declara-nos que «solidarizandose com as vítimas da Comissão Central do P. C. P. se desliga da referida organização.»

O INQUÉRITO DE "A BATALHA"

O inquérito de A Batalha está colhendo os seus frutos. Todos os dias afliuem à nossa redacção as respostas dos organismos operários, que mostram bem o abandono, o desprezo a que está votado o país, por parte dos poderes públicos.

Construção Civil de Torres Novas

Os operários de Torres Novas, reunidos numa assembleia geral no dia 22 do corrente na sede do Sindicato da Construção Civil, com a presença de dois delegados da Federação Metálica, e de harmonia com uma moção apresentada, resolveram responder o seguinte ao inquérito de A Batalha sobre a crise de trabalho:

Trabalhos por conta do Estado:

1.º Reparação das estradas que ligam esta vila em virtude das mesmas se encontrarem intranzitáveis!

2.º Conclusão dos barracões existentes no Parque Automóvel Militar no Entroncamento, porque os mesmos estão-se demolido com as chuvas já há anos.

Trabalhos por conta do Município:

1.º Calçamento das ruas e reparação das danificadas, em consequência de algumas, como por exemplo a de Serpa Pinto, e a que vai do Paço ao largo São Sebastião Baracho (Portela) se encontrarem num estado horrível.

2.º Construção de canos de esgoto em diversas ruas para bem da higiene pública, e sendo mesma obra velha aspiração do povo desta localidade.

3.º Acabamento da Avenida Marginal, e conclusão de uma muralha junto à mesma, que deve amparar as terras onde está situado o Hospital Civil.

4.º O mesmo município instar com os donos dos talhões já comprados junto à citada avenida, para que os mesmos mandem edificar no mais curto espaço de tempo, prédios cujo delineamento já está feito.

5.º Imediata construção de retretes e mictórios.

6.º Construção do projectado cemitério, em virtude do existente estar situado no centro da vila o que é incontestavelmente grave para a saúde desta população.

7.º Reparação num pôço situado no largo de Santo André, para abastecimento de águas aos municípios circunvizinhos.

8.º Construção de um bairro operário em virtude da grande escassez de casas para habitação.

Trabalhos por conta de Empresas:

Conclusão da fábrica "A Renova" situada junto à nascente do rio Almonda (Casais Martano), pois que os operários que neste trabalhavam foram já há alguns meses suspensos do referido serviço.

Trabalhadores Rurais de Escoural

A direcção da Associação dos Trabalhadores Rurais do Escoural resolveu responder o seguinte ao inquérito de A Batalha:

Trabalhos por conta do Estado:

1.º Reparação de 17 quilómetros de estrada que se encontra intranzitável da Casa Branca a Montemor-o-Novo.

2.º Construção da estrada que vai desta vila à estação do Caminho de Ferro, que está delineada desde o ano de 1912.

Trabalhos por conta do município:

1.º Construção dum mercado para peixe e outros géneros.

2.º Reparação das ruas e calçadas que se encontram intranzitáveis.

Trabalhos particulares:

Reparações de vários prédios que ameaçam ruína.

Trabalhos agrícolas:

Cultura dos vastos terrenos que vários proprietários conservam incultos, por conta dos mesmos, ou a cargo desta associação.

Trabalhadores Rurais de Sáfare

O trabalhadores rurais de Sáfare respondem o que segue:

Trabalhos por conta do Estado:

Reparações de 30 quilómetros de estrada de Moura a Barrancos.

Trabalhos por conta do município:

Calçamento das ruas, que se encontram em lastimoso estado.

Trabalhos agrícolas:

Obrigar os grandes proprietários a cultivar as grandes charneiras que se encontram abandonadas e incultas.

Operários corticeiros de Silves

Em resposta ao inquérito propõe que o governo reconheça e aceite a tese "Desenvolvimento da Indústria Corticeira" aprovada no Congresso de Castelo Branco, cujas conclusões são as seguintes:

1.º O funcionamento do mercado central de produtos corticeiros com depósitos de mostruários de quadros e rólihas e seus derivados, com corretores para ser feita a propaganda dos produtos que vender o citado mercado.

2.º A constituição da "entente" aduaniera entre os países produtores de cortiça de cada um deles fabricar tóda a cortiça possível para o consumo mundial respeitando no máximo que possa ser as condições do trabalho nacional.

3.º A importação livre de direitos alfandegários de todas as máquinas, materiais e ferramentas destinadas à indústria corticeira, adquiridas no Estrangeiro que se reconheça a sua superioridade das nacionais

até que a indústria nacional esteja habilitada a fazer tais fornecimentos.

4.º A isenção de contribuição industrial que pesa sobre as fábricas que manufacturam exclusivamente quadros, rólihas e seus derivados durante o período de 10 anos assim como para todo o operariado corticeiro.

5.º Estabelecimento de carreiras de navegação entre o nosso país e os países orientais consumidores de cortiça manufaturada e dos derivados da cortiça.

6.º Fixar por lei, que as cortiças se não possam tirar dos sobreiros com menos de 10 anos, assim como a completa proibição de corte das mesmas quando se reconheça que estão em condições de produzir.

7.º Redução de 50% nas tarifas dos Caminhos de Ferro do Estado para transporte da cortiça em bruto das estações para as fábricas, bem como de todos os produtos corticeiros manufacturados, assim como a realização de convenios entre as outras empresas ferroviárias e de navegação no mesmo sentido.

8.º Reclamar do governo por intermédio da Federação que sejam convertidas em lei as alterações que actualizam a portaria de 21 de novembro de 1910, para o que será elaborada e entregue uma representação que as concretiza.

9.º A proibição de quaisquer engarrafamentos com rólihas que não sejam de cortiça.

10.º Estabelecimento de tratados de comércio com os países consumidores de quadros, rólihas, e derivados de cortiça, de modo a tornarem a sua entrada livre de quaisquer encargos alfandegários.

11.º Que se promova uma série de conferências sobre as vantagens que adviriam ao país com o desenvolvimento da indústria corticeira, convidando-se para esse efeito as individualidades julgadas competentes no assunto.

12.º Que a Federação se faça representar em quaisquer lugares nacionais ou estrangeiros que se trate do desenvolvimento da indústria corticeira depois de ser reconhecida a utilidade dessa representação.

Resolve ainda, caso os industriais não reabram as fábricas imediatamente, reclamar do governo a confiscação das mesmas.

Trabalhos por conta do município:

1.º Construção dum mercado, porque o que existia foi expropriado para a construção dum quartel para a G. N. R.

2.º Construção dum bairro operário.

3.º Canalização de águas potável e construção de marcos fontenários.

4.º Construção de canos de esgoto.

5.º Conserto de 800 metros de estrada de macadâm da Sé à Cruz de Portugal.

6.º Calçamento de várias ruas da cidade.

7.º Construção de sentinelas públicas, por que não existe nenhuma.

8.º Abertura de novas ruas já delineadas pela Câmara.

Trabalhos por conta do Estado:

1.º Desacorriamento de 300 metros no rio de Silves.

2.º Reparação de 27 quilómetros de estrada entre Silves-Messines, Silves-Alcantarilha, Silves-Lagôa, Silves-Monchique.

3.º Conserto da ponte de Odaloca e conclusão da estrada até à mesma.

Trabalhos particulares:

Reparações de vários prédios que ameaçam ruína.

Trabalhos agrícolas:

Cultura dos vastos terrenos que vários proprietários conservam incultos, por conta dos mesmos, ou a cargo desta associação.

Trabalhadores Rurais de Sáfare

O trabalhadores rurais de Sáfare respondem o que segue:

Trabalhos por conta do Estado:

Reparações de 30 quilómetros de estrada de Moura a Barrancos.

Trabalhos por conta do município:

Calçamento das ruas, que se encontram em lastimoso estado.

Trabalhos agrícolas:

Obrigar os grandes proprietários a cultivar as grandes charneiras que se encontram abandonadas e incultas.

Operários corticeiros de Silves

Em resposta ao inquérito propõe que o governo reconheça e aceite a tese "Desenvolvimento da Indústria Corticeira" aprovada no Congresso de Castelo Branco, cujas conclusões são as seguintes:

1.º O funcionamento do mercado central de produtos corticeiros com depósitos de mostruários de quadros e rólihas e seus derivados, com corretores para ser feita a propaganda dos produtos que vender o citado mercado.

2.º A constituição da "entente" aduaniera entre os países produtores de cortiça de cada um deles fabricar tóda a cortiça possível para o consumo mundial respeitando no máximo que possa ser as condições do trabalho nacional.

3.º A importação livre de direitos alfandegários de todas as máquinas, materiais e ferramentas destinadas à indústria corticeira, adquiridas no Estrangeiro que se reconheça a sua superioridade das nacionais

UMA INTERESSANTE INICIATIVA

O que realizou e o que pretende realizar o Núcleo de Estudos Sociais dos Empregados de Escritório

— Que importa? o nome ou a iniciativa?

— A iniciativa — replicámos, sem hesitar.

— Então diz que conversaste com um dos componentes do Núcleo de Estudos Sociais da Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa.

— É que a conversação começou pelos objectivos do Núcleo?

— Exactamente. Como sabes o Núcleo visa a realizar uma função educativa tão completa quanto possível.

— Caminharmos para uma mais perfeita sociedade em que o indivíduo passa a ser uma realidade viva e tem de desempenhar uma acção complexa. Torna-se necessário criar, entre os indivíduos, uma esclarecida mentalidade para um mais consciente sentido dos actos sociais. É conveniente fixar que a uma maior consciência individual corresponde um acréscimo de consciência colectiva.

<p

A educação moral na família

A responsabilidade dos pais

A sugestibilidade das crianças ou o poder do exemplo

12—Os pais amam os seus próprios defeitos ou fraquezas nos defeitos e fraquezas de seus filhos.

Longe de mim o pensamento de condenar o coquetismo, sem distinguir o que é de tem de legítimo, mesmo de necessário, e tudo o que encerra de vício, excessivo, en-ganador e hipócrita.

O coquetismo é muitas vezes a tradução exterior nos gestos, na palavra e no porte, do desejo de agradar, da necessidade de simpatia.

O desejo de agradar é natural. Brota do fundo da sensibilidade.

Agradar é o fim de que o coquetismo é o meio. Se este é sincero, verdadeiro, leal, é uma qualidade, quasi uma virtude.

Que ele se manifeste primeiro numa forma delicada e só do acaso. Aceio escrupuloso do corpo, do vestuário, da habitação.

Quem não tem, nas suas recordações, a imagem dum velhinho, não rica, talvez pobre, mas sempre desenxovalhado, soridente como as flores do seu jardim, respirando o cheiro da sua casa sabiamente disposta, quadro perfeito, da sua atraente pessoa?

Não é este um coquetismo pelo qual se sente respeito como perante uma coisa santa?

Mães, sede a vosso modo, coquetes como a atraente velhinha.

Sede delicadamente asseadas de corpo, tanto no que se não vê como no que se vê.

E que a vossa casa, o vosso ninho, o ninho do vosso marido e da vossa ninhada esteja asseada até nos seus cantos e recantos.

E compreendei que o enfeite, aquele que nos pode valer o melhor êxito, o verdadeiro, o duradouro, é esse asseio aliado ao gosto e à simplicidade.

A elegância, a elegância louvável está nessa trindade: asseio, gosto, simplicidade.

Tratai de a conseguir para vós próprias, e ensinai-a bem aos vossos filhos e melhor ainda às vossas filhas.

Esta elegância é moral porque ela constitui o indicio de qualidades interiores; a sinceridade, a economia, a moderação e a delicadeza do sentimento.

Não imiteis os tolos que ostentam vestuários pretenciosos tendo o estômago vacio.

Lembrai-vos da frase de Franklin: «A sede e o veludo sobre o corpo apagam o fome na cosinha».

Desejais que os vossos filhos andem corretamente vestidos? Mas nunca lhes digais que estão mais bem vestidos que os seus companheiros, camaradas, primos e primas.

Dizei-lhes, seja, uma vez de passagem, que eles estão «bonitos», mas tratai de não lho repetir a ponto de eles contrair um sentimento demasiadamente lisongeiro da sua pequena personalidade, agravado por desdém ou desprezo pelos «amigos» e «conhecimentos» da mesma idade.

Quantos encantos corporais e particularmente aos do rosto, dos olhos, da tez, do cabelo, das mãos, constatai-os com alegria se não forem um engano, mas não façais díles a descrição e o comentário complacentes, porque então, sem o saber, impelireis os vossos filhos e, particularmente, as vossas filhas, homens e mulheres de amanhã, para o coquetismo de mal gosto, para o coquetismo que só pretende o êxito, seja de que maneira for, mas conseguido apenas por meio dos atractivos físicos, isto é, os meios passageiros da nossa natureza.

Uma rapariga que é ou se julga bela ou bonita, poderá acreditar que tem direitos ao êxito e à felicidade, sem inquirir se alguns atractivos corporais — certamente meritórios e apreciáveis — são lido na mulher, na espousa, na mãe, e se os dons da inteligência e as virtudes da alma não devem completar estas qualidades exteriores, se não estar em primeiro lugar.

A beleza do corpo é um dom raro da natureza. A questão não é recebê-la, é usá-la dignamente.

Quanto à moda, empenhar-se em segui-la à risca, é fútil e caro.

Lêde o suplemento de "A Batalha"

CARTA DO PORTO

O NATAL

Foi de miséria e de angústia para milhares de famílias o dia de anteontem na capital do Norte

O contrário do que costumam afirmar os católicos, o Natal já não significa o nascimento do Messias, de Jesus, mas simplesmente a morte de toda a divindade celeste, com a sua taboleta já mísma visível.

Isto quer também dizer que a comemoração do Natal é a mais flagrante contradição religiosa, é a sua condenação irremediável.

O Natal não é sinônimo de carinho, de docura. Nem mesmo encarado sob o *avatar* introduzido pelo Estado republicano, ele tem qualquer fundo moral resistente: ele não representa uma Festa da Família, como a nossa República assim o «deseja», mas uma divisão da família humana, uma tapona ingente entre si.

Assim, pois, o Natal, sendo a falácia da religião e do Estado, traduz ao mesmo tempo um insulto ao género humano... Natal quer dizer gargalhadas estridentes das populosas danças nas faces maceradas da turba escravada...

Foi o que hoje presenceamos, debaixo de toda a indignação que se recalava no íntimo do nosso ser.

As locandas, os mercados, invadiram-se dum gente escolhida, carminizada, «bem cheirosa», de sorrisos a bailar-lhes na camisa, dos lábios e fitas multicolores a esvoarem nos vestidos...

E é de facto a sua privilegiada arapana de todo o sistema de aceipes e documentos — porque só o recheio descomunal das confeitarias é que demonstra a dôce significação, para os ricos, do Natal — não reparavam na existência dolorosa dum multíplo agravado de desgraçados de ambos os sexos que estendiam a mão à caridade natalícia... ao mesmo tempo que se lhes esbugalhavam os olhos nas compras atestadas das que as servis, tódas de ponto em branco, conduziam, apressadas, e receosas de qualquer assalto, em lindos açaflates toalhados de linho...

Todavia, os comerciantes, a-pesar-de-sobrecarregarem *ligeiramente* o preço dos géneros, não ficaram inteiramente satisfeitos com a excepcional marcha do negócio...

Este ano milhares de criaturas não puderam comemorar, como os anos anteriores, o lendário nascimento dum Cristo agora forçado, depois do seu fenomenal fracasso da remissão das almas, a presidir à distribuição, pelas altas horas da noite, de impreciosas quinquilherias destinadas aos extremos filhinhos das pessoas milionariadas...

A terrível *chômage* imposto pelo capitalismo áravo impediu de haver numa infinitude de lares a natalidade rabanada...

Mas como na noite de Natal, como nas outras, os homens da situação serão cobardes, egoístas, mentirosos e fariseus — dar-se-há o deserto por Luis Lumet: «os padres macularão, na caso do rito, a sua veste de pobreza»; o juiz calculará quanto lhe poderá valer a condenação do fraco, a absolvição do forte; o mercante, «predicador da honestidade», procurará, «diante do perú assado, o modo de amanhã engrossar a sua receipta com uma nova fraude»; os generais avaliarão quantos galões-lhes ajustarão à farda, quanta medalhas lhe porão na pele, uma nova carnificina.

Nessa noite, como nas outras, as mulheres, no leito nupcial sonharão com adultos, e a virgem, filha das confrarias, só hesitará na escolha do amante; nessa noite, que dizes clemente, haverá pelo mundo dores, opressões, dolos...

E para que o Natal se tornasse mais encantador, o tempo apresentou-se plimbo, chuvoso, frios, que possuem quentes agasalhos, abrigos calafetados, sangue rico, comida abundante, um bom auto na garagem e uma soberba casa numa alcova cón de rosa — «preferem» que as noites de Natal sejam assim... Quanto maior for o sofrimento dos miseráveis que vagabundeadem pelas ruas e pelas estradas, tanto maior é o apetite na devoragem das iguarias e a satisfação inefável do aconchego das peles...

Porque o Natal é a miséria esmagada pela opulência, a fome escarneida pela orgia capitalista...

Pórtio, 25 de Dezembro C. V. S.

A revolução na Albânia

ROMA, 26.—O governo albanês continua protestando contra a quebra de neutralidade por parte da Sérvia no conflito albanês.

As tropas regulares da Albânia têm aprisionado grupos de sérvios bem armados e equipados que apoiam os rebeldes.

Por seu turno o governo sérvio afirma

sua absoluta neutralidade dizendo que a

responsabilidade do movimento devem ser

impunidas à Rússia e que os irregulares

que combatem ao lado dos rebeldes são

subvenzionados pelos bolchevistas. — (R.)

Na noite de Natal, que se enciou «au grand complet», houve grandes aplausos, em todos os finais de acto da peça de Wolff, O DESEJO e Ilda Stichini e Maria Pia tiveram várias chamadas especiais devidas ao belo trabalho que apresentaram.

CONFÉRENCIAS

Casas económicas

pelo sr. Velho da Palma, no Salão da C. Civil

O tenente-coronel, dr. Velho da Palma, realizou no Salão da C. Civil, uma conferência sobre casas económicas, apresentando vários artigos, visando a sua rápida construção, no intuito de acabar com a crise de habitação existente. Ao governo, competiu fornecer o capital, em boas condições, até à importância de 100.000 contos.

Esse capital seria cedido, depois, a juros variáveis de 3 a 5% a 3% a 4%, a todos os funcionários públicos e a qualquer outro cidadão português, vivendo com três ou mais filhos legítimos e menores; a 4% a 5% a 6% a 7% a 8% a 9% a 10% a 11% a 12% a 13% a 14% a 15% a 16% a 17% a 18% a 19% a 20% a 21% a 22% a 23% a 24% a 25% a 26% a 27% a 28% a 29% a 30% a 31% a 32% a 33% a 34% a 35% a 36% a 37% a 38% a 39% a 40% a 41% a 42% a 43% a 44% a 45% a 46% a 47% a 48% a 49% a 50% a 51% a 52% a 53% a 54% a 55% a 56% a 57% a 58% a 59% a 60% a 61% a 62% a 63% a 64% a 65% a 66% a 67% a 68% a 69% a 70% a 71% a 72% a 73% a 74% a 75% a 76% a 77% a 78% a 79% a 80% a 81% a 82% a 83% a 84% a 85% a 86% a 87% a 88% a 89% a 90% a 91% a 92% a 93% a 94% a 95% a 96% a 97% a 98% a 99% a 100% a 101% a 102% a 103% a 104% a 105% a 106% a 107% a 108% a 109% a 110% a 111% a 112% a 113% a 114% a 115% a 116% a 117% a 118% a 119% a 120% a 121% a 122% a 123% a 124% a 125% a 126% a 127% a 128% a 129% a 130% a 131% a 132% a 133% a 134% a 135% a 136% a 137% a 138% a 139% a 140% a 141% a 142% a 143% a 144% a 145% a 146% a 147% a 148% a 149% a 150% a 151% a 152% a 153% a 154% a 155% a 156% a 157% a 158% a 159% a 160% a 161% a 162% a 163% a 164% a 165% a 166% a 167% a 168% a 169% a 170% a 171% a 172% a 173% a 174% a 175% a 176% a 177% a 178% a 179% a 180% a 181% a 182% a 183% a 184% a 185% a 186% a 187% a 188% a 189% a 190% a 191% a 192% a 193% a 194% a 195% a 196% a 197% a 198% a 199% a 200% a 201% a 202% a 203% a 204% a 205% a 206% a 207% a 208% a 209% a 210% a 211% a 212% a 213% a 214% a 215% a 216% a 217% a 218% a 219% a 220% a 221% a 222% a 223% a 224% a 225% a 226% a 227% a 228% a 229% a 230% a 231% a 232% a 233% a 234% a 235% a 236% a 237% a 238% a 239% a 240% a 241% a 242% a 243% a 244% a 245% a 246% a 247% a 248% a 249% a 250% a 251% a 252% a 253% a 254% a 255% a 256% a 257% a 258% a 259% a 260% a 261% a 262% a 263% a 264% a 265% a 266% a 267% a 268% a 269% a 270% a 271% a 272% a 273% a 274% a 275% a 276% a 277% a 278% a 279% a 280% a 281% a 282% a 283% a 284% a 285% a 286% a 287% a 288% a 289% a 290% a 291% a 292% a 293% a 294% a 295% a 296% a 297% a 298% a 299% a 300% a 301% a 302% a 303% a 304% a 305% a 306% a 307% a 308% a 309% a 310% a 311% a 312% a 313% a 314% a 315% a 316% a 317% a 318% a 319% a 320% a 321% a 322% a 323% a 324% a 325% a 326% a 327% a 328% a 329% a 330% a 331% a 332% a 333% a 334% a 335% a 336% a 337% a 338% a 339% a 340% a 341% a 342% a 343% a 344% a 345% a 346% a 347% a 348% a 349% a 350% a 351% a 352% a 353% a 354% a 355% a 356% a 357% a 358% a 359% a 360% a 361% a 362% a 363% a 364% a 365% a 366% a 367% a 368% a 369% a 370% a 371% a 372% a 373% a 374% a 375% a 376% a 377% a 378% a 379% a 380% a 381% a 382% a 383% a 384% a 385% a 386% a 387% a 388% a 389% a 390% a 391% a 392% a 393% a 394% a 395% a 396% a 397% a 398% a 399% a 400% a 401% a 402% a 403% a 404% a 405% a 406% a 407% a 408% a 409% a 410% a 411% a 412% a 413% a 414% a 415% a 416% a 417% a 418% a 419% a 420% a 421% a 422% a 423% a 424% a 425% a 426% a 427% a 428% a 429% a 430% a 431% a 432% a 433% a 434% a 435% a 436% a 437% a 438% a 439% a 440% a 441% a 442% a 443% a 444% a 445% a 446% a 447% a 448% a 449% a 450% a 451% a 452% a 453% a 454% a 455% a 456% a 457% a 458% a 459% a 460% a 461% a 462% a 463% a 464% a 465% a 466% a 467% a 468% a 469% a 470% a 471% a 472% a 473% a 474% a 475% a 476% a 477% a 478% a 479% a 480% a 481% a 482% a 483% a 484% a 485% a 486% a 487% a 488% a 489% a 490% a 491% a 492% a 493% a 494% a 495% a 496% a 497% a 498% a 499% a 500% a 501% a 502% a 503% a 504% a 505% a 506% a 507% a 508% a 509% a 510% a 511% a 512% a 513% a 514% a 515% a 516% a 517% a 518% a 519% a 520% a 521% a 522% a 523% a 524% a 525% a

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE DEZEMBRO

Q.	4	11	18	25
S.	5	12	19	26
S.	6	13	20	27
D.	7	14	21	28
S.	8	15	22	29
T.	9	16	23	30
Q.	10	17	24	31

HOJE O SOL

Aparece às 7,54

Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

7,14 21 28

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10 %NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora	3000
Sapatos em verniz	3000
Botas premis (gratuita)	3000
Botas para a sra (adulto)	3000
Grande salto de botas pretas	3000
Botas de couro para homem	4000

Não concluir a SOCIAL OPERARIA com

outra casa!

A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,

18-0, com Filial na mesma rua, n.º 69.

MARES DE HOJE

Praiamar às 3,27 e às 3,53

Baixamar às 8,57 e às 9,23

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, os dias de vista	9200	9200
Paris cheque	10200	10200
Paris	1200	1215
Suica	1000	1000
Bélgica	900	900
Itália	800	800
Holanda	855	860
Madrid	250	250
New-York	2150	2150
Brasil	2800	2800
Reino Unido	2822	2822
Suecia	5268	5275
Dinamarca	3782	3785
Praga	363	364
Buenos Aires	8500	8500
Viena (nos cordões)	350	350
Berlim (cordão euro)	4280	4280
Argo do euro	2240	2260
Liras ouro	10500	11200

ESTEATCULOS

TEATROS

Sto Charles - A's 21,30 - Casa em ordem.
Sto Luis - A's 21 - Dança das Libélulas.
Nacional - A's 21 - O Desejo.
Portuguese - A's 21 - O precioso viver.
Trindade - A's 21,15 - Casa Cercada.
Henriquinho - A's 21,15 - A Menina do Chocolate.
Eduardo - A's 21,15 - Os Minicross.
Eden - A's 21,30 - O Bolo Rei.
Maria Vitoria - A's 20,6 e 22,30 - As Onze Mil Virgens.
Coliseu dos Recreios - A's 21 - Companhia de circo.
Século XV - A's 20,30 - Variedades.
El Viento (à Graça) - 21 - O Cabo Simões.
Tremor de Parque - Todas as noites - Concertos e diversões.

CINEMAS

Olimpia - Chiado Terraço - Salão Central - Cinema
Condes - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Promotora de Educação Popular - Ciné Páris - Cine Esperança - Chanteclet - Teatro.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Justin" só hoje expedidas malas postais para o Pará e Manaus e pelo paquete "Ardeolas" para a Madeira, Las Palmas, via Rio de Janeiro, Funchal, Lisboa, Cabo da Boa Esperança, Espanha, Wilna e África Oriental.

Da caixa geral as últimas tiragens da correspondência efectuam-se para registos, às 11 h. e das ordinárias 13 h.

Também pelo paquete "Guine" se expedem malas de correio para Bissau e Bolama, sendo as últimas tiragens às 12 para registos e às 14 para ordinárias.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

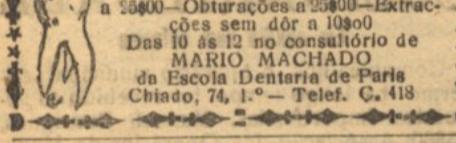
Legítimo metal AUBER, unico privilegiado e certificado, universalmente
ore que sua melh. é a faísca
que tem maior duração.

DÚZIA 60 CENTAVOS

(cuidado com os imitados
e nos contos e nos milheiros, assim como
squeiros, rodas, tubos, pipas e etc.,
aos melhores preços para revendedores).

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 8 - LISBOA



DENTES ARTIFICIAIS

a 5000 - Obstruções a 2500 - Extracções sem dôr a 1000

Das 10 à 12 no consultório de

MARIO MACHADO
da Escola Dental de Paris
Chiado, 74 - Tel. C. 418

PEDRAS PARA ISQUEIROS

de boa qualidade, verdadeiro metal auri, assim
como: tubos, chaminés, molas e rodas
de bom aço.

QUINTO do largo do Conde Barão

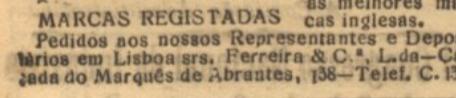
ABERTO ATÉ ÀS 23 HORAS!!...

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metáli Auer, assim como rodas d'as e
mecânicas, tubos, molas, chaminés de 2 e
5 peças, lâmpadas. Vendem-se no Largo
Conde Barão, n.º 55 e quiosques.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata

(E' a casa que fornece em melhores
condições).



LIMAS

As melhores são
das "União",
das "Casa Branca",
Vieira de Lorosa,
Pedir em todas as
lojas de ferragens.

Em preços e tê-

mos rivalizam com
as melhores mar-

cas inglesas.

Pedidos nos nossos Representantes e Deposi-

tários em Lisboa-sa, Ferreira & C. Ltda - Cal-

zada do Marquês de Abrantes, 138 - Tel. C. 1302

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

HOJE O SOL
Aparece às 7,54
Desaparece às 17,22

FASES DA LUA

Q. C. dia 3 ás 9,10

L. C. 11 ás 7,00

Q. M. 19 ás 10,11

L. N. 26 ás 3,40

A BATALHA

Nas oficinas Gerais dos C. T.

lêm-se praticado violências e immoralidades

Escrivem-nos relatando violências e immoralidades cometidas nas oficinas Gerais dos Correios e Telegrafos. De quais todas elas é autor, o encarregado Joaquim Martins. Tem esta criatura por uso insultar e agredir operários à mais pequena falta. A um guarda da noite que chegou 15 minutos mais tarde, insultou-o na presença do chefe sr. Francisco Mendonça, e ainda por cima o agrediu. O homem para não ser vítima de novas brutalidades do Martins, despediu-se do serviço no dia seguinte. O operário Joaquim Simões que, tinha a estima de todos os seus colegas, por ser cumpridor dos seus deveres, foi alvo de muitas perseguições, insultado e agredido, sendo por um dispensado do serviço.

Houve um operário de nome Salgado que não se deixou agredir, ferindo o seu agressor, num braço, com uma lama. Então o Joaquim Martins foi buscar uma pistola e fez-a disparar sobre o referido operário se dissesse chaves lhe não tivessem, resolutamente, embargado o passo.

Este Martins que é também industrial, possue no Campo Grande, algumas oficinas de reparação de automóveis que se encontravam fechadas quando ele entrou para os correios.

Algumas reparações de automóveis de particulares foram feitas nas suas oficinas por operários que receberam esses dias como se tivessem trabalhado nos Correios! Houve um concerto num automóvel do sr. Mendes Pereira que custou mais de 1000 escudos as oficinas dos Correios, mas estas só metade receberam.

Os operários encontram-se indignados por fazerem serviços que lhes não pertencem e por trabalharem 10 horas sem que as 2 que são extraordinárias sejam pagas a dobrar.

O 2º oficial sr. António Díaz é sub-chefe nas referidas oficinas. Comegou por aprender a guiar camions e side-cars, nas horas do serviço com os carros e com a gasolina dos Correios.

Depois de aprender comprou uma side-car bastante avariada ao sr. Joaquim Martins. A reparação da side-car fez-se nas oficinas dos Correios sem custar um centavo ao seu proprietário. Mais tarde, quando foi passar um mês de licença para Abrantes, levou uma reserva de gasolina, gratuitamente. No trajecto, a pé pelas alturas de Sacavém, avionou-se a side-car. Mandou vir um camion das oficinas para a reparar!

O 3º oficial Francisco Fernandes mandou fazer dois fogões nas oficinas, um para ele e outro para o seu amigo Martins, com autorização do chefe. Os fogões que não importariam em menos de 1000 escudos, deram lugar a que se aleijasse o operário Vidal que andou 3 semanas em tratamento no hospital de Santa Marta. Este operário que se aleijou em serviço dos superiores recebia a fénia por inteiro, ao passo que os que se aleijaram em serviço das oficinas receberam metade do salário.

No garaje anexa às oficinas existe um lavador chamado João Lourenço que goza dum protecção enorme que lhe permite fazer o que lhe apetece, inclusivamente dar passos de automóvel, guiando-os sem ter as habilitações necessárias, com grave risco dos transtornos.

O chefe das oficinas engenheiro sr. Francisco Mendonça mandou transformar um automóvel Renault em camionete para o serviço dos guarda-fios. Depois reconside-rou, ordenando que a modifiquessem para carro de turismo utilizando-o para seu serviço pessoal apesar de têr uma side-car às ordens; e, o guarda-fios que andasse a pé se quisesses...

O automóvel serviu durante o verão para a sua esposa e filha que iam todos os dias para Algés, a banhos. O sr. Mendonça utilizou também o automóvel para os seus passeios, no domingo, pagando os correios a gasolina consumida.

Tais são, em resumo, alguns dos muitos escândulos passados nas oficinas dos Correios e Telegrafos, onde naturalmente só os que não fazem esbanjamentos, como a maioria do pessoal é que não cumpre os seus deveres...

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem novamente este Secretariado esteve com o director da P. S. E., sr. João Pedro dos Santos, a tratar da situação dos presos e de camaradas espanhóis que aqui se encontram.

Ficou resolvida a situação dos rurais que se encontram na cadeia de Fronteira, sobre a questão de lhes serem fornecidas as respectivas refeições.

Aguarda este Secretariado que o presidente do ministério dr. Domingos dos Santos esclareça uns assuntos referentes a presos, para o que na próxima segunda-feira voltará a saber a resposta definitiva sobre o caso.

Também este Secretariado se avistou ontem com a direcção dos Fogeiros de Terra e Mar sobre um assunto que ao mesmo dia respeito, ficando devidamente intelectado o delegado que ali foi tratar do respectivo caso.

Tencionava amanhã o Secretariado ir à cadeia do Lomíco a fim de falar com os presos sobre assuntos que lhes dizem respeito.

CONSULTAS NO PORTO

Segunda-feira, pelas 21,30 horas, o dr. Campos Lima dá consultas jurídicas, na sede da União dos Sindicatos Operários do Porto, a todos os operários que o necessitem, devendo os interessados apresentar as suas caderetas confederadas em dia.

Conferência Juvenil de Lisboa

A comissão organizadora da Conferência Juvenil de Lisboa, depois de ter enviado para as secções deste núcleo o Regulamento Interno, convida qualquer jovem sindicalista que queira apresentar à mesma, alguma tese sobre assuntos que interessem à organização juvenil, a fazê-lo o mais breve possível.

Comunicamos que já estão em elaboração as seguintes teses: Propaganda, Educação, Organização interna e Educação física.

Crise de trabalho e baixa de salários

Num comício em Braga reclama-se a reabertura das fábricas e oficinas encerradas por capricho patronal

BRAGA, 24.—A fim de tratar da situação gravíssima que atravessam as classes trabalhadoras perante a crise de trabalho em Braga, respondeu a U. S. O. realizar um comício público para tratar de tam momentos assunto, o qual teve lugar no Campo da Feira no dia 21 do corrente. Para tomar parte no referido comício foram convidadas a Delegação Confederal do Norte, que se fez representar por 2 delegados, e a Federação da Construção Civil, por um delegado.

A's 3 horas da tarde e perante algumas centenas de trabalhadores foi aberto o

comício pelo secretário geral da U. S. O. Mário Fernandes, o qual convocou para presidir Mário de Carvalho, sendo secretariado por Rodrigo Gonçalves, do S. do Calçado, Couros e Peles e Manuel Matos, pelos chapeleiros.

Mário de Carvalho, em nome da C. G. T., saudou todos os trabalhadores de Braga e incitou-a a que continuem trabalhando para acabar de vez com a exploração patronal que nos opriime. A crise de trabalho, diz, é provocada pela eterna ambigüidade dos industriais, que estão especulando com a baixa cambial, como especularam com a alta. Ainda ao facto de na imprensa burguesa e até em certos meios intelectuais se fazer a propaganda da intensificação da raça quando são eles com os industriais e a alta finança que mais tem contribuído para o definimento da mesma, provocando a miséria, a fome e a amargura a dentro dos lares dos trabalhadores.

Manuel Fernandes da U. S. O. diz que os trabalhadores devem repudiar a baixa de salários que os industriais ameaçam fazer,

porque os generos de 1.ª necessidade ainda não baixaram em harmonia com os salários dos operários.

A crise de trabalho é uma invenção dos industriais para conseguirem esmagar tódas as regalias que a classe trabalhadora tem conseguido à custa de tantos sacrifícios.

Saul de Sousa, delegado da C. G. T., começou por saudar os trabalhadores de Braga incitando-os a que continuem levando à prática manifestações deste carácter em prol da sua organização, pois só essa é que neste momento tem autoridade moral para se antepôr perante o industrialismo.

Os industriais têm menor consciência e desconhecendo os princípios de humanidade vêm encerrando as suas fábricas lançando à rua milhares de trabalhadores sem se importar da sua miséria e da dos seus filhinhos queridos.

O povo—diz—deve tratar de se instruir e educar para acabar com a situação humilhante de escravo, deve abandonar as tabernas porque frequentando-as só lhe adverá resultados funestos.

Aprovam-se duas moções

Em seguida lê uma moção com o seguinte teor:

«Considerando que o povo trabalhador vem sendo ultimamente vítima dum exploração verdadeiramente feroz por parte das forças vivas do país;

Considerando que a-pesar-da baixa da libra o comércio ladrau longe de baratear o custo dos generos ou artigos vem muito pelo contrário subindo diariamente os preços, como se constatou há dias em Lisboa;

Considerando que a para esta situação profundamente miserável para o proletariado, o industrialismo vem também diariamente lançando à rua, os seus escravos, à custa dos quais amontou de ouro os seus cofres e armazenou artigos manufaturados e agora, alegando a baixa cambial, encerra as fábricas e oficinas;

Considerando que à sombra destes assaltos a Patronal, além de fazer o seu jogo mercantilista pretende reduzir os salários dos seus operários e derrubar o horário máximo das 8 horas de trabalho como já em algumas localidades tentaram fazer;

Considerando que para pôr cônbro a todo este vandalismo, torna-se necessário a acção energica do povo com a qual façam encolher as garras a todos os exploradores e seus cúmplices;

Considerando finalmente que essa acção só será profícua com a solidariedade entre as vítimas;

O povo de Braga, reunido hoje em comício público, a convite da U. S. O. para tratar da crise de trabalho, caresta da vida e da redução de salários, resolve:

1.º Cerrar fileiras em torno dos seus sindicatos e opôr-se por todas as formas, ainda as mais energicas, a fim de não consentir a baixa de salários.

2.º Reclamar a laboração das fábricas e oficinas, ou então outros trabalhos aces- síveis à construção física de cada um;

3.º Reclamar dos poderes constituidos energia para com os causadores da miséria do povo português: comércio, finanças e indústria;

4.º Iniciar a C. G. T. a encetar com urgência um movimento de protesto e que o mesmo só termine quando reconhecido o direito à vida aos trabalhadores;

5.º Aconselhar a U. S. O. a continuar agitando o proletariado de maneira a que com urgência e energia defendam o seu pão e os suas famílias.

Em seguida fez uso da palavra sobre o camara Inácio Martins, representante da Federação da C. C. o qual disse não haver razão alguma que justifique a crise de trabalho especialmente na construção civil poque constata-se a necessidade de fazer casas para os trabalhadores e o acabamento de algumas obras já meio construídas e que se não acabam por simples capricho dos donos que querem reduzir os salários dos seus operários.

Depois foi aprovada uma moção com estas conclusões:

1.º Que comissão continue no desempenho da sua missão;

2.º Protestar junto da Câmara contra o despedimento dos operários;

3.º A mesma comissão depois de ter esgotado todos os recursos, elaborará um parecer em conformidade com o parecer da C. G. T. levando-o a um comício público para que este resolva a atitude a assumir.

Por último falou o delegado da C. G. T. que breves mas importantes considerações sobre a falta de acção dos operários e dos sindicatos de Evora.—E.

4.º Incitar a Associação Internacional dos Trabalhadores, por intermédio da C. G. T., a fim de actuar com energia no sentido de evitar a consumação da fam horrentos crimes.

5.º Saúda o órgão do proletariado português A Batalha, a C. G. T. e a Associação Internacional dos Trabalhadores.

Esta moção foi votada por aclamação no meio de grande entusiasmo e constantes vivas à C. G. T. A Batalha e presos por questões sociais. M. Fernandes lembra para ser tirada uma quete para os presos por questões sociais que rendeu a quantia de 66\$50.]

As direcções dos vários sindicatos vão abrir estatísticas dos sem trabalho e dos que tenham trabalho reduzido.—[E.]

Em volta da crise vidreira

MARINHA GRANDE, 24.—A visita que o ministro do Trabalho realizou a esta vila com o fim de estudar a situação angustiosa provocada pela crise, e que A Batalha já noticiou, deixou a melhor impressão entre o operariado, o que nos leva a arquivar as colunas do porta-voz da organização operária, algumas das suas importantes declarações.

O ministro afirmou que um industrial não pode encerrar uma fábrica, lançando na miséria os seus operários só porque os lucros não atingem a cifra desejada, acrescentando que ao governo não repugna encarar a hipótese dumha mobilização das indústrias, desde que se verifique a existência de estabelecimentos fabris encerrados sem um motivo determinante poderoso.

O dr. João de Deus Ramos num discurso interessante expôs o pensamento do governo em face da crise geral de trabalho, declarando que estão em estudo várias provisões que serão postas em prática com a possivel rapidamente. A elevação das taxas alfandegárias só excepcionalmente se recorrerá porquanto é necessário embarecar a vida, pelo que se deve apelar para outros meios. Os industriais devem limitar os seus lucros, devem mesmo dispensá-los durante algum tempo porque só assim é que se pode enfrentar a situação, porque só assim prepararão um futuro de prosperidade tranquila.

O ministro tem trabalhado no sentido de satisfazer as aspirações da Marina Grande. Antes de mais nada, vai promover a criação dumha Cosinha Económica na Fábrica Nacional de Vidros, cosinha que fornecerá comida a preços reduzidos. Aos mais necessitados, que são todos os vidreiros, afinal, serão fornecidas senhas gratuitamente, com as quais alli se apresentarão, contando o dr. João de Deus Ramos, para levar ato ao fim o seu projeto, com o auxilio dos industriais. Para os trabalhos iniciais, o dr. João de Deus Ramos nomeará, por portaria, uma comissão que tem representação, pelo governo, Malaquias Pereira da Silva; pela câmara municipal, José de Sousa Neto; pelos industriais, José Barosa Júnior, e pelos operários, os vidreiros Joaquim de Carvalho e Oliveira e Joaquim Alves de Freitas. Esta comissão terá ainda o encarregado de instalar uma cooperativa de consumo que fornecerá gêneros a preços razoáveis aos trabalhadores. O ministro do Trabalho enviará ainda um delegado à Marina Grande para tratar de tudo que tiver caráter técnico.

Sabemos que o dr. João de Deus Ramos está procurando conseguir a verba necessária para repôr a labora à Fábrica Nacional, por cuja defesa e desenvolvimento se interessou bastante, pois teve ocasião de ver o que vale presentemente e o muito que se pode valer ainda o velho e glorioso estabelecimento.—[E.]

O orador explica particularmente a função dos conselhos técnicos sindicais perante a crise de trabalho, tirando como conclusão: que se os trabalhadores tivessem criado os seus conselhos técnicos sindicais poderiam melhor enfrentar o problema da crise de trabalho, pela acção que essa célula devia desenvolver.

O orador, por último combate violentemente o comércio ladrau e os lavradores gananciosos, aconselhando os presentes a formarem uma forte barreira sindical que leve de vencida a exploração patronal e capitalista.

Depois foi aprovada uma moção que con-

clui: 1.º Oficiar ao presidente do ministério reclamando a liberdade para os presos sociais;

2.º Oficiar ao ministro da justiça protestando contra a condenação de Manuel Ramos, reclamando a anulação da sentença que o condenou;

3.º Oficiar ao ministro da Espanha em Portugal protestando contra as perseguições e fusilamentos do operariado espanhol;

4.º Manifestar ao ministro da América do Sul protestos contra a condenação de Sacco e Vanzetti.—[E.]

Uma sessão na U. S. O. de Évora

EVORA, 3.—Na sede da União dos Sindicatos Operários, e por ela promovida, realizou-se ontem à noite uma sessão para apreciar as «démarches» feitas pela comissão nomeada para tratar da crise de trabalho.

Usaram da palavra sobre o assunto A. Tomás, Cascalho, Artur Rochinha, Jacinto Baptista, Candeira, Jerónimo de Sousa, Passos e muitos outros, que se referiram ao aspecto grave que a crise está tendo nesta cidade, ao facto de a câmara ter despedido os poucos operários que empregava para tratar de tudo que tiver caráter técnico.

Sabemos que o dr. João de Deus Ramos está procurando conseguir a verba necessária para repôr a labora à Fábrica Nacional, por cuja defesa e desenvolvimento se interessou bastante, pois teve ocasião de ver o que vale presentemente e o muito que se pode valer ainda o velho e glorioso estabelecimento.—[E.]

Por último falou o delegado da C. G. T. que breves mas importantes considerações sobre a falta de acção dos operários e dos sindicatos de Evora.—E.

Os rurais de Benavila perante a crise

BENAVILA, 24.—A classe rural voltou a ocupar-se da crise de trabalho, que vai agravando a sua situação económica.

Na respetiva associação reuniram-se em assembleia magna para apreciar tam delicado assunto tendo-se verificado que os lavradores abstinadamente se recusam a dar trabalho, pretendendo uns falta de dinheiro, outros falta de trabalho.

Foi nomeada uma comissão para entrevistar o administrador do concelho para esta autoridade instar junto da Câmara Municipal, no sentido de recomendar a construção da estrada desta localidade a Aviz.—E.

Trabalhadores rurais de Aviz

AVIZ, 24.—Há mais de um mês que a crise de trabalho vem fazendo-se sentir bastante nesta localidade. Tôdas as semanas trinta ou quarenta trabalhadores ficam desocupados, a-pesar-de que há bastantes terrenos incultos e estradas que precisam reparações.

A Associação dos Trabalhadores Rurais feita fez várias reclamações ao delegado do governo que têm resultado improposito, pelo que a mesma oficiou ao ministro do Trabalho expondo-lhe a situação dos operários da localidade.

Depois foi aprovada uma moção com estas conclusões:

<